



APARÊNCIA, ESSÊNCIA E EXPLORAÇÃO NAS SEÇÕES I E II DO
LIVRO III DE O CAPITAL

APPEARANCE, ESSENCE AND EXPLORATION IN SECTIONS I
AND II OF BOOK III OF *THE CAPITAL*

Eduardo Ferreira Chagas¹

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves²

RESUMO

Trata-se aqui de demonstrar a associação entre aparência, essência e exploração que subjaz a superfície da economia capitalista. O processo de acumulação infinita, como se manifesta na esfera da concorrência, corresponde a uma mistificação de si mesmo, uma vez que o preço de custo, isto é, a soma necessária à aquisição dos elementos produtivos, é capaz de gerar valor. A existência do trabalho excedente é absolutamente camuflada pela metamorfose da mercadoria, supostamente arraigado na íntima relação entre liberdade e igualdade. A ilusão apresenta uma finalidade particular ao negar o trabalho assalariado como fundamento de um sistema marcado pela espoliação, de modo que a disputa entre capitais singulares pelo controle do mercado mundial representa o desenvolvimento das contradições que transformam riqueza e miséria numa totalidade indivisível.

Palavras-chave: Aparência. Essência. Exploração.

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Filosofia pela Universität Kassel (Alemanha). Pós-doutor em Filosofia pela Universität Munster (Alemanha). Professor Efetivo (Associado 4) do Curso de Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO). Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FAGED (UFC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Nível 2). Editor da Revista Dialectus. Membro da Internationale Gesellschaft der Feuerbach-Forscher (Sociedade Internacional Feuerbach). Homepage: <http://www.efchagas.wordpress.com>. E-mail: ef.chagas@uol.com.br.

² Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Bacharel em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Grupo de Estudos Marxistas coordenado pelo Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas. E-mail: bruno.qcg@outlook.com.

ABSTRACT

The aim here is to demonstrate the association between appearance, essence and exploitation that underlies the surface of the capitalist economy. The process of infinite accumulation, as manifested in the sphere of competition, corresponds to a mystification of itself, since the cost price, that is, the sum necessary for the acquisition of the productive elements, is capable of generating value. The existence of surplus labor is absolutely camouflaged by the metamorphosis of the commodity, supposedly rooted in the intimate relationship between freedom and equality. The illusion has a particular purpose in denying wage labor as the foundation of a system marked by plunder, so that the dispute between singular capitals for control of the world market represents the development of the contradictions that transform wealth and misery into an indivisible totality.

Keywords: Appearance. Essence. Exploitation.

A massa de valor da representação mais elementar da economia capitalista³ pode ser decomposta em três partes: capital constante, relativo aos meios de produção, capital variável, correspondente à força de trabalho, e mais-valor, resultante da exploração necessária à acumulação infinita. A venda da mercadoria na esfera da circulação contempla tanto o preço de custo como a grandeza monetária proveniente do trabalho não pago, adição indispensável ao processo de reprodução em escala ampliada, entretanto, conforme diz Grespan (2019, p. 42), “nessa soma, o capital se apresenta como um todo que se propõe criador do mais-valor, fazendo perder de vista o fato de que só sua parte variável cria o excedente, como se o mais-valor meramente se acrescentasse ao preço de custo”. Caso sua metamorfose equivallesse apenas à restituição do investimento em fatores produtivos, haveria uma tautologia entre compra e venda.

A razão dessa diferença consiste no tempo de trabalho incorporado à mercadoria sem equivalente, isto é, na espoliação que reserva miséria e esgotamento aos produtores. “Se a parte do valor-mercadoria constituída de mais-valor não custa nada ao capitalista, é justamente porque ela custa trabalho não pago ao trabalhador” (MARX, 2018, p. 54), por conseguinte a base da acumulação, ao contrário do que

³ Aqui faço referência à mercadoria, ser aí do valor e forma geral de existência da riqueza no sistema capitalista. O método de apresentação (*Darstellungsmethode*) do complexo categorial de Marx em *O capital*, cujo movimento reside na dialética entre o abstrato e o concreto, pressupõe a transformação dos produtos do trabalho em mercadoria.

propunha a economia política clássica, está na produção, embora num primeiro momento esse fato esteja embaçado pela igualdade burguesa. Conforme Marx (2018, p. 54) destacou, “o preço de custo da mercadoria aparece para o trabalhador como o custo real da própria mercadoria”, uma distorção que nega o caráter predatório da economia capitalista.

Caso a mercadoria seja transformada em dinheiro na esfera da circulação, o montante equivalente ao preço de custo apenas garante a reposição das forças produtivas, portanto sem a exploração do trabalho é impossível satisfazer as necessidades do sistema capitalista. “A categoria de preço de custo, por sua vez, não guarda nenhuma relação com a criação de valor da mercadoria nem com o processo de valorização do capital” (MARX, 2018, p. 54), ou seja, deduzir a acumulação do investimento em meios de produção e força de trabalho consiste numa abstração comum ao pensamento burguês. Segundo Marx (2018, p. 55), “na economia capitalista o preço de custo assume a falsa aparência de uma categoria da própria produção do valor”, como se a aquisição dos elementos produtivos mediante o poder social do dinheiro fosse suficiente ao processo de reprodução em escala ampliada. O mistério se resolve com a subordinação real da força de trabalho, quando os produtores entregam uma massa de valor à classe dominante sem receber em contrapartida um equivalente, o que é reconhecido pelo direito moderno como expressão de vontades livres e iguais.

No interior do adiantamento de capital a força de trabalho conta como valor, mas no processo de produção da funciona como *criadora de valor*. Em vez do valor da força de trabalho, que figura no interior do adiantamento de capital, surge, no capital produtivo realmente *em funcionamento*, a própria força de trabalho viva, criadora de valor (MARX, 2018, p. 56).

Obviamente, o preço de custo é inferior à magnitude da riqueza produzida pelos trabalhadores, sua grandeza monetária corresponde somente a uma fração da soma adquirida após a metamorfose da mercadoria, entretanto, ao ser apontada como fundamento do processo reprodução em escala ampliada, assume um intento de classe, pois abstrai a mudança qualitativa da força de trabalho, resultante do deslocamento entre o mercado e a esfera da produção, e nega a exploração como aspecto estrutural da autovalorização do valor. Num primeiro momento, a força de trabalho é potência, carrega em si a propriedade de criar valor; posta em ato, fornece

a substância que garante o impulso vital da economia burguesa. “Devido à dimensão de desigualdade entre capitalista e trabalhador, contudo, a força de trabalho aparece como uma mercadoria especial, já que, sendo fonte do valor, ao se defrontar com o dinheiro na circulação, faz deste capital-dinheiro” (GRESPLAN, 2012, p. 104).

A mistificação de preço de custo não é apenas uma distorção do objeto, mas um artifício cuja finalidade é ocultar o mecanismo de acumulação parasitária. “O modo de produção capitalista se distingue do modo de produção fundado na escravidão, entre outros motivos, pelo fato de que o valor ou o preço da força de trabalho se apresenta como valor ou preço do próprio trabalho ou como salário” (MARX, 2018, p. 57). Ao contrário do que ocorre em outros sistemas produtivos, a extração do trabalho excedente é camuflada pela forma salário, o que transforma o preço de custo no demiurgo da expansão capitalista. Trata-se aqui de uma confusão entre aparência e essência.

A diferença entre a grandeza monetária investida em forças produtivas e a soma proveniente da massa de valor absorvida na esfera da circulação consiste no tempo de trabalho usurpado durante a produção, ou seja, na exploração do homem pelo homem. “Agora está claro para o capitalista que esse crescimento do valor tem origem nos empreendimentos produtivos realizados com o capital, ou seja, que ele deriva do próprio capital, pois depois do processo de produção ele existe e antes ele não existia” (MARX, 2018, p. 60).

Destarte, o metabolismo social que reserva aos trabalhadores exaustão e miséria consiste na verdadeira e única origem do lucro, cuja finalidade é incrementar regularmente a produção de mercadorias. O próprio mecanismo de acumulação do capital, em condições normais, extrai e absorve o excedente que garante seu impulso vital. “O lucro, tal como ele se apresenta aqui, é, então, o mesmo que o mais-valor, apenas numa forma mistificada, que, no entanto, tem origem necessariamente no modo de produção capitalista” (MARX, 2018, p. 62). A distorção do objeto real, ao mesmo tempo que exerce um papel ilusório, nega a exploração imanente à economia burguesa, forjando uma episteme segundo interesses de classe e eternizando o trabalho degradante. A aparência também se manifesta no consumo de mercadorias, pois, embora satisfaça necessidades humanas, seu sentido genuíno é a acumulação, o que transforma o aspecto qualitativo num efeito secundário para o capitalista, inteiramente alheio às mazelas sociais acarretadas pela contradição entre valor de

uso e valor. “O produto que o capitalista tem realmente em vista não é o produto palpável em si, mas o excedente de valor do produto, acima do valor de capital nele consumidos” (MARX, 2018, p. 67).

Conforme está exposto no capítulo XXIV⁴ do livro I de *O capital*, a acumulação primitiva criou as condições necessárias à exploração do trabalho pela grande indústria, uma vez que, despojado dos seus meios de subsistência, os produtores transformaram sua força vital em mercadoria para garantir a própria existência. O direito moderno, indiferente às transformações históricas que resultaram na sociedade burguesa bem como à espoliação que lhe é constitutiva, autoriza o capitalista a cumprir sua tarefa de classe, isto é, a extrair regularmente mais-valor através do trabalho assalariado e eternizar um sistema produtivo arraigado na combinação nefasta entre violência originária e exploração intermitente. Ao promover o metabolismo entre meios de produção e força de trabalho mediante o poder social do dinheiro, o capitalista, como guardião do movimento de acumulação, cumpre seu dever após a valorização do valor ser consumada na esfera da circulação.

Transformar o valor do capital variável por ele adiantado num valor maior é algo que ele só pode fazer por meio de seu intercâmbio com trabalho vivo, da exploração de trabalho vivo. E ele só pode explorar o trabalho na medida em que adianta as condições para a realização desse trabalho - os meios e objetos de trabalho, a maquinaria e a matéria-prima -, isto é, na medida em que utiliza, na forma de condições de produção, uma soma de valor de que dispõe; do mesmo modo, ele só e capitalista, só é capaz de promover o processo de exploração do trabalho, porque, como proprietário das condições de trabalho, ele se confronta com o trabalhador como mero proprietário da força de trabalho (MARX, 2018, p. 67).

O mecanismo de acumulação descrito acima pressupõe extração contínua de mais-valor, ou seja, tempo de trabalho incorporado à produção de mercadorias gratuitamente. Sem a espoliação assegurada pelo Estado burguês, é impossível haver lucro. Segundo Marx (2018, p. 68), “o mais-trabalho, ou lucro, consiste precisamente

⁴ O processo originário constitui-se numa análise histórica da economia capitalista devido à tentativa de Marx de compreender o processo que culminou no advento de novas relações de produção no continente europeu, especialmente na Inglaterra, seu principal laboratório de estudos no que diz respeito à economia política. O autor demonstra em sua crítica à economia burguesa que a gênese, a reprodução e a mundialização do capital só foram possíveis através da violência. A gênese da produção capitalista dissociou os produtores das condições necessárias à sua subsistência e saqueou o mundo colonial; seu desenvolvimento, cuja expressão encontra-se na fórmula D-M-D', aniquilou o espírito do proletariado e o empobreceu devido à exploração do trabalho⁴; por último, sua expansão global decretou o colapso da autodeterminação dos povos.

no excedente do valor-mercadoria sobre seu preço de custo, isto é, no excedente da soma total de trabalho contida na mercadoria sobre a soma de trabalho paga nela contida”. Trata-se aqui da diferença que garante o impulso vital da produção capitalista, embora haja uma suposta equivalência representada na forma salário.

Naturalmente, o tempo de trabalho usurpado na esfera da produção apresenta uma dimensão absoluta, mas a espoliação capitalista deve ser confrontada com o capital total para identificarmos a taxa de lucro, que jamais deve ser confundida com a taxa de mais-valor. Segundo Marx (2018, p. 68), “trata-se de duas medições distintas da mesma grandeza, as quais, em decorrência da diversidade dos padrões de medida, expressam simultaneamente proporções ou relações distintas da mesma grandeza”, ou seja, a massa de valor necessária ao processo de acumulação burguesa sofre uma variação em termos proporcionais.

A taxa de lucro, por se manifestar na superfície da economia burguesa, é absolutamente mistificada pela circulação, de modo que a aparência é transformada num subterfúgio de classe capaz de distorcer a matéria para fins particulares. “Ambos, o processo imediato de produção e o processo de circulação, invadem constantemente os domínios um do outro, interpenetram-se e, desse modo, falseiam constantemente os traços característicos que os distinguem” (MARX, 2018, p. 69).

Embora a realização do mais-valor corresponda somente à etapa derradeira do processo de acumulação intermitente, presta um grande serviço à mistificação burguesa negando a exploração do trabalho. “O próprio mais-valor aparece não como produto da apropriação do tempo de trabalho, mas como excedente do preço de venda das mercadorias sobre seu preço de custo” (MARX, 2018, p. 70). Se aceitássemos essa propriedade sobrenatural, haveria um esvaziamento do próprio objeto, pois a economia capitalista, supostamente independente da forma salário, absorveria conteúdo a partir do nada. Embora o movimento do capital se apresente de forma autônoma, seu demiurgo reside na extorsão de classe. A taxa de mais-valor, ainda que traduza em termos percentuais o grau de exploração da força de trabalho, é incapaz de revelar a grandeza da valorização face à composição orgânica do capital, ou seja, “quando o excedente - hegelianamente falando - volta a se autorrefletir [*zurückreflektiert*] a partir da taxa de lucro, ou, dito de outro modo, quando o excedente é caracterizado mais de perto por meio da taxa de lucro” (MARX, 2018, p. 73).

Em virtude da assimetria entre meios de produção e força de trabalho no decorrer do processo de acumulação infinita, o mais-valor, comparado à totalidade do capital, seria gradualmente rebaixado se os salários e os turnos de trabalho estivessem imunes à virulência da economia burguesa.

Devemos apenas lembrar brevemente que o salário exerce sobre a grandeza do mais-valor e o nível da taxa de mais-valor um efeito inverso àquele exercido pela duração da jornada de trabalho e pela intensidade deste; que o aumento do salário reduz o mais-valor, ao passo que o prolongamento da jornada de trabalho e a elevação da intensidade do trabalho o aumentam (MARX, 2018, p. 77).

A deterioração dos salários, o prolongamento da jornada de trabalho e a imposição de uma escala produtiva frenética correspondem a manifestações sistêmicas do capital, que se apodera de seu hospedeiro com mais violência na tentativa de superar suas contradições e satisfazer seu impulso parasitário. O mais-valor proveniente da exploração do trabalho é absorvido gradualmente em virtude do tempo necessário à metamorfose da mercadoria, de modo que a grandeza do capital paralisado, seja qual for seu substrato, é condicionada pela esfera da circulação. “Uma parte do capital é continuamente imobilizada, seja na forma de capital-monetário, de matérias-primas em estoque, de capital-mercadoria acabado, porém ainda não vendido, seja na forma de títulos de crédito ainda não prescritos” (MARX, 2018, p. 97).

O entrave pôde ser mitigado através dos transportes e das comunicações, que registraram uma expansão notável e reduziram o tempo de rotação do capital contribuindo decisivamente para o processo de acumulação burguesa. Segundo Marx (2018, p. 98), “o tempo de rotação do comércio mundial encurtou-se na mesma medida, e a capacidade de ação do capital nele empenhado mais do que dobrou ou triplicou. É evidente que isso não deixou de provocar um efeito sobre a taxa de lucro”. O aumento da produtividade social do trabalho, como uma determinação estrutural do capitalismo, pressupõe rápida subtração do valor em armazenamento na esfera da circulação, diminuindo inclusive o risco de entupimento geral.

O controle do tempo é de máxima importância para o capitalismo, de modo que a integração do mercado mundial através da navegação, da rede ferroviária e dos telégrafos contribuiu decisivamente para o aumento da taxa de lucro, revolucionando

os padrões de circulação da mercadoria e subordinando a totalidade do metabolismo social ao processo de acumulação infinita. A relação complementar entre capitais singulares, por estar situada na superfície da economia burguesa, manifesta-se com autonomia, abstraída do trabalho assalariado. Com um cinismo farisaico, a classe dominante transforma aparência em essência e reveste a barbárie de ternura.

Que ele compra o produto do trabalhador num ramo de produção alheio com o produto do trabalhador em seu próprio ramo de produção e, assim, só dispõe do produto de trabalhadores alheios na medida em que já se apropriou gratuitamente do produto de seus próprios trabalhadores é um nexos eficazmente encoberto pelo processo de circulação (MARX, 2018, p. 113-114).

A metamorfose da mercadoria revela apenas que a expansão do valor foi consumada, distorcendo o movimento que reserva aos trabalhadores sua maldição profana. As leis que regem a economia capitalista, como a acumulação intermitente e as pressões que emanam da concorrência, transformam as condições de existência dos produtores numa força que lhe é estranha e brutal. A miséria, o desperdício de vida e o esvaziamento comunitário são marcas indelévels da sociedade burguesa. Vejamos, por exemplo, como a busca irrefreável pelo aumento da taxa de lucro através da redução de custos com capital constante devasta a dignidade humana.

Essa economia se estende à prática de superlotar recintos estreitos e insalubres com trabalhadores - o que, na língua capitalista, chama-se 'economizar instalações' -, espremer nesses mesmos recintos uma maquinaria perigosa, desprezar o emprego de meios de produção contra o perigo, negligenciar regras de precaução em processo de produção insalubres por natureza ou que, como na mineração, apresentam periculosidade etc. Isso sem falar da ausência de quaisquer expedientes para fazer do processo de produção um processo humano, agradável ou simplesmente tolerável ao trabalhador. Do ponto de vista capitalista, isso seria um desperdício desprovido de propósito e sentido (MARX, 2018, p. 114).

Qualquer iniciativa que possa mitigar os resultados nocivos da produção de mercadorias é prontamente rejeitada pela parcimônia capitalista. Trata-se de uma manifestação sistêmica, independente da vontade burguesa e indiferente ao trabalho degradante. Conforme Marx (2018, p. 116) declarou, "é esse caráter imediatamente social do trabalho que gera essa dissipação de vida e de saúde dos trabalhadores", portanto que inverte a relação entre sujeito e objeto e arruína a condição humana.

Supressão das interdições legais à exploração, aglomeração operária em espaços insalubres, turnos de trabalho prolongados, execução de movimentos impostos, repetitivos e acelerados, deformação do corpo e pauperismo generalizado, eis a combinação nefasta camuflada pela esfera da circulação.

Evidentemente, a jornada de trabalho apresenta variações no interior da produção capitalista, mas a tendência subjacente à expansão do mercado mundial é a queda sistêmica dos salários e a busca desenfreada pelo aumento da taxa de lucro. Seja em situação de concorrência ou oligopólio, o impulso vital da economia burguesa permanece o mesmo: desenvolvimento arraigado na exploração do trabalho. “Numa investigação geral, pressupõe-se sempre que as relações reais correspondem a seu conceito ou, o que é o mesmo, que as relações reais só se apresentam na medida em que expressam seu próprio tipo geral” (MARX, 2018, p. 177-178).

Ainda que o processo de acumulação burguesa seja marcado por diferenças relativas à taxa do mais-valor, a distribuição da riqueza acontece de forma equilibrada entre os capitais singulares, pois eles “se comportam aqui como meros acionistas de uma sociedade por ações, na qual os dividendos se repartem igualmente” (MARX, 2018, p. 193). Ávida por lucro, a burguesia celebra os resultados de sua tarefa indecorosa com solidariedade de classe, revelando, além de fabulosa diligência como meio de enriquecimento, grande camaradagem entre seus membros.

A taxa de lucro, por se tratar da relação do capital consigo mesmo, na medida em que o mais-valor é comparado à sua composição orgânica, mistifica o processo de reprodução em escala ampliada. A diferença quantitativa entre os extremos do circuito aparece dissociado da espoliação operária. Trata-se de uma confusão necessária à base normativa da sociedade moderna, que tem como finalidade negar a exploração que lhe é constitutiva e reconhecer a legalidade da apropriação coletiva burguesa.

Como na taxa de lucro o mais-valor é calculado sobre o capital e é referido a ele como sua medida, o próprio mais-valor aparece como algo que surge do capital total, como se emanasse por igual de todas as suas partes, de modo que a diferença orgânica entre capital constante e variável encontra-se apagada no conceito do lucro; portanto, de fato, nessa figura metamorfoseada como lucro, o próprio mais-valor negou sua origem, perdeu seu caráter, tornou-se irreconhecível (MARX, 2018, p. 201).

A própria metamorfose do valor em preço de produção oculta a substância do capital, como se o movimento das mercadorias fosse autossuficiente, independente do trabalho. A essência da economia capitalista é absolutamente camuflada pela transfiguração realizada no mercado, onde a abstração burguesa pode atingir sua apoteose elevando liberdade e igualdade ao infinito.

Por outro lado, embora haja uma interdependência entre valor e preço de produção, a existência de um lucro médio resultante da disputa pelo controle do mercado mundial estabelece uma diferença quantitativa entre ambos, portanto, na concorrência, o burguês se depara com flutuações que estabelecem o ritmo de crescimento do seu negócio. Além de não existir um preço geral no interior da mesma esfera produtiva, abstraindo aqui circunstâncias excepcionais como a formação de cartéis, não há coincidência entre oferta e demanda. Na verdade, a esfera da circulação já revela o caráter absolutamente especulativo da economia capitalista ao supor uma igualdade entre compra e venda.

A oferta e a demanda nunca coincidem, ou, se o fazem, é de modo acidental, de maneira que se deve qualificá-las cientificamente como = 0, isto é, como se tal coincidência não existisse. Na economia política, no entanto, parte-se da premissa de que coincidem. Por quê? Para considerar os fenômenos na forma que corresponde a suas leis, a seu conceito, isto é, para considerá-los independentemente da aparência provocada pelo movimento da oferta e da demanda” (MARX, 2018, p. 224).

O fluxo ininterrupto das operações de mercado só pode encontrar validade acomodando o objeto a argumentações tautológicas, abstraindo o movimento real da produção capitalista e negando seu caráter contraditório. A existência de mercadorias na esfera da circulação se transforma num cataclismo quando há entupimento geral, ou seja, em caso de escassez monetária ou desequilíbrio entre oferta e demanda, mas essa deformidade é absolutamente rejeitada pelos pressupostos arbitrários do *laissez-faire*.

A abstração burguesa revela-se igualmente na independência dos preços de produção em relação à lei do valor, como se as mercadorias fossem alheias ao próprio trabalho e vendidas na circulação segundo o binômio oferta e demanda. Além de existir uma suposta conformidade entre compra e venda, haveria paralelamente concorrência sem exploração do trabalho.

As figuras acabadas das relações econômicas, tal como se mostram na superfície, em sua existência real e, por conseguinte, também nas representações por meio das quais os portadores e os agentes dessas relações procuram obter uma consciência clara dessas mesmas relações, são muito distintas e, de fato, invertidas, antitéticas a sua figura medular interior - essencial, porém encoberta - e ao conceito que lhe corresponde (MARX, 2018, p. 245).

O movimento da economia capitalista, marcado pela exploração do homem pelo homem, apresenta-se em sua superfície despojado do seu impulso parasitário, revestido de formalidade e absolutamente triunfante. Trata-se de uma negação do trabalho degradante, da coerção sistemática e das contradições que lhe são irreversíveis. “Em geral, Marx parte da aparência superficial para, então, encontrar os conceitos profundos. N’*O capital*, porém, ele começa apresentando os conceitos fundamentais, as conclusões a que chegou com a aplicação de seu método de investigação” (HARVEY, 2013, p. 18). Através de uma exposição dialética, a modulação das categorias em *O capital* ascende do abstrato ao concreto desmistificando o processo de acumulação infinita.

Referências

GRESPLAN, Jorge Luis. **Marx e a crítica do modo de representação capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2019.

GRESPLAN, Jorge Luis. **O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

HARVEY, David. **Para entender O capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro III. São Paulo: Boitempo, 2018.

Artigo recebido em: 27/05/2021.
Artigo aprovado em: 03/06/2021.